

da cultura portuguesa do período de transição para o actual século. Impunha-se, deste modo, a reedição da sua obra escrita, já que a dispersão da mesma, e a crescente raridade das publicações onde surgiu, a tornaram de consulta difícil. Em virtude da importância que lhes assiste, publicam-se em primeiro lugar os textos de temas etnográficos e arqueológicos — reimpressos pela ordem cronológica por que originariamente apareceram e acompanhados das primitivas ilustrações e das suas legendas. Num outro volume das *Obras* de Rocha Peixoto ter-se-ão, sem dúvida, mais notícias de Etnografia e de Arqueologia, disseminadas por recensões bibliográficas, comentários à vida cultural e económica, polémicas, biografias, etc. Todavia, no volume que agora sai a público pretendeu-se tão-só reunir os estudos ou artigos que o ensaísta dedicou exclusivamente àquelas duas ciências.»

Assim vem de se iniciar uma tarefa do mais alto interesse, que tanto honra quem proficientemente a executa, como quem da sua realização material se incumbiu com meritória diligência. A sólida e exacta informação, sem prejuízo do mais agudo senso crítico e até em muitas circunstâncias de certa vibração que o entusiasmo pelo esforço de Rocha Peixoto lhe suscita, fazem do prefácio e das notas de Flávio Gonçalves um indispensável e utilíssimo complemento. Assim ressuscita, para um mais largo âmbito de estudo, a obra daquele que de si próprio dizia: «Chamam-me um naturalista e até um arqueólogo; eu, porém, sou um etnógrafo». Honrava-o o título de trabalhador de um ramo da ciência, no qual se abriam para a compreensão do homem, na sua vida social e cultural, mais largos horizontes.

M. M.

Sociologia

ENGENHEIRO: profissão maldita?

por J. M. Pereira

«Diálogo, entre duas dentadas num pastel de nata:

— Olha, o meu filho entra este ano para o técnico...

— Ah! engenheiro, é uma linda carreira!»

ERA da Técnica. Era nuclear. Automação. Computadores. Astronáutica. Estas e outras expressões ou palavras tornaram-se familiares de milhões de seres humanos, através da espectacular expansão dos meios de comunicação de massa, que permitem martelar cómoda e eficazmente os cérebros dos habitantes dos mais remotos e deserdados recantos do planeta. A uma realidade diária de tipo medieval pode assim sobrepor-se uma quimérica imagem das maravilhas de que é capaz a longínqua «civilização». Sonha-se, talvez, ingenuamente, que já ao alcance delas estarão as gerações imediatas.

Não é, pois, de espantar que inquéritos realizados em países de níveis de desenvolvimento acentuadamente diferentes com o fim de determinar quais as actividades ou profissões disfrutando de maior prestígio social, tenham visto aparecer unânimemente os engenheiros entre as posições de vanguarda. Teria sido curioso, por acréscimo, saber que ideia fazem da actividade dos engenheiros aqueles que tanto os consideram. Na realidade, aos olhos dos leigos, o engenheiro é muito provavelmente apenas a figura que se associa à ideia de «progresso técnico», é uma espécie de fada dos nossos dias, ao mesmo tempo o homem «das matemáticas e da acção». E, no entanto, por muito desacreditado que se encontre o senso comum, ainda há que reconhecer por vezes a apreciável precisão de certas das suas intuições. Basta abrir certos livros de engenharia americanos e lá encontraremos no primeiro capítulo, que muitos reputarão destinado a atrasados mentais — o que não é exacto — uma infundável lista das qualidades necessárias aos dois tipos de engenheiro: o de concepção e o de realização, isto é, o que calcula e projecta, e o que executa, numa fábrica ou num estaleiro. Em resumo: o das matemáticas e o da acção. Afinal o senso comum limita-se a condensá-los numa mesma pessoa, o que não será nem mais nem menos disparatado. Em ambos os casos, os defeitos são os inerentes às simplificações cómodas mas pouco instrutivas. Não é, porém, nosso objectivo, até porque nisso não vemos um interesse capital, definir com rigor o que é ou o que não é o engenheiro. Preferimos tentar apreciar certos problemas relacionados com o exercício dessa profissão, em particular no nosso país, procurando ultrapassar o quadro estritamente profissional para situar o

engenheiro na teia de relações em que é obrigado a actuar.

Antes ainda de entrar no assunto, queremos fazer notar que muito do que se referir neste artigo se aplica do mesmo modo, quer a outras profissões, quer a outros países; essas analogias deixamo-las, porém, ao cuidado do leitor. Também acentuamos que se tratará apenas das profissões de engenharia industrial.

PASSAPORTE PARA UMA VIDA DESAFOGADA

Em primeiro lugar, convém dizer que o engenheiro pertence economicamente às categorias sociais mais privilegiadas do país: para uma capitação do rendimento nacional à volta dos 10 contos anuais, a média entre os engenheiros deve situar-se em cerca de dez vezes mais, se não for superior. Como, além disso, não se têm posto até ao momento — e não é de esperar que se venham a pôr no futuro — problemas sérios de emprego nestas profissões, pode dizer-se que um diploma de engenheiro em Portugal é uma espécie de apólice de seguro de nível de vida material. Ou um passaporte para a vida desafogada, para o tal prestígio social, para a despreocupação do «lar, doce lar», cobertos mesmo os riscos de um ou outro percalço que contrarie uma procriação comedidamente programada. Acresce ainda que as escolas de engenharia, pela natureza dos seus programas e, sobretudo, pelos condicionalismos que intervêm na selecção e na própria actividade do corpo docente, dirigem o seu ensino e formação (se é que dela se pode falar...) aos aspectos strictamente técnicos ou científicos. A ideia de que o engenheiro é um animal social parece alheia das preocupações dos nossos pedagogos. É certo que, há uns anos, quando da última reforma dos cursos, passou a haver uma cadeira de sociologia nos cursos de engenharia. No entanto, mesmo que tal cadeira fosse de excelente nível (do que temos todas as razões para duvidar), não seria em qualquer caso uma solução, essa de diluir entre umas trinta cadeiras de carácter técnico uma outra sempre considerada necessariamente de segunda ordem, que se tende a «despachar» com o mínimo esforço. O que está em causa é, pelo contrário, uma atitude e uma prática pedagógicas gerais, impossíveis nas condições presentes.

Em resumo, à parte um ou outro caso em que pesaram factores exteriores (formação familiar, p. ex.) e o daque-

→

JOÃO GASPAR SIMÕES

HISTÓRIA DO ROMANCE PORTUGUÊS

Um estudo sério e objectivo escrito por um dos mais destacados ensaístas e críticos literários portugueses

Publicação em fascículos mensais de rigorosa regularidade

Veja na sua livraria a excepcional beleza gráfica do primeiro fascículo, que acaba de ser distribuído, e reserve desde já a sua assinatura para ter direito ao livro brinde que oferecemos aos primeiros assinantes: um exemplar fac-similar da edição original dos «AUTOS DAS TRÊS BARCAS», de Gil Vicente

uma edição de

ESTÚDIOS COR

Rua João Pereira da Rosa, 20-A
Lisboa . Telef. 32 88 89

les estudantes que, apercebendo-se dessa monstruosa lacuna, voluntariamente procuraram colmatá-la (p. ex. trabalhando nas Associações de Estudantes), os futuros engenheiros estão preparados, na melhor das hipóteses, para ser técnicos mais ou menos competentes. Falta-lhes trágicamente a perspectiva social.

Ao sair da escola, quatro hipóteses, em traços gerais, são possíveis: trabalhar na profissão, seguindo a linha de gabinete (cálculo, projecto, laboratório, investigação) ou a de execução (fábrica, estaleiro, mina); tomar pela carreira docente; abandonar a profissão por outra.

Analisemos cada um destes casos.

O recém-formado que entra imediatamente para um trabalho de estudo em gabinete corre o risco (corremos todos...) de nunca vir a sonhar que a profissão de engenheiro tem enormes implicações no plano da sociedade global. Trabalhando individualmente, ou em pequenas equipas de técnicos como ele, ou, quando muito, com um reduzido pessoal com quem as suas relações são em geral de exclusivo carácter profissional (analistas, num laboratório; desenhadores, num gabinete de projecto, etc.), nunca terá, à parte um ou outro caso individual, ocasião para extrair das suas relações de trabalho qualquer ponto de partida para uma reflexão mais ampla. A régua de cálculo ou o tubo de ensaio serão os seus interlocutores privilegiados. A própria natureza do trabalho que executa, ou melhor, o destino dele, dificilmente lhe porão quaisquer problemas de consciência. Projectar um edifício para um

asilos de criancinhas, investigar a eficiência de um insecticida, desenvolver a fórmula de um explosivo, calcular as estruturas de um edifício de apartamentos que irá substituir um bairro de lata, de que aliás desconhece a existência — tudo lhe é soberanamente indiferente. O que importa é que os cálculos estejam correctos, que a investigação seja bem conduzida. A partir daí — não é com ele.

A INTELIGÊNCIA NEM SEMPRE ABDICA

Muito mais complexa é a situação dos que iniciam a sua actividade num emprego industrial em que são desde logo chamados a um trabalho ligado à produção. Exceptuando o caso de um reduzido número de grandes empresas, em que a existência de um corpo técnico abundante permite que os novos passem por um compasso de espera que pode ir até alguns anos antes de se verem atribuir responsabilidades de chefia directa, na maioria das empresas portuguesas que admitem um engenheiro, este é exemplar único da espécie, ou quando muito haverá apenas outro engenheiro ou agente-técnico. Nestas condições, ao fim de um breve período de adaptação, o jovem engenheiro vê-se a braços com uma função de chefia e aí começam as dolorosas surpresas. Ele vai compreender que, perante o pessoal, muito mais do que o técnico, ele é o representante da empresa. Através dele chegam ao pessoal as instruções, ordens, regulamentos da direcção. A ele são postas as reclamações, as reivindicações, as críticas. Ele constatará, ao fim de pouco tempo, que, em certos casos em particular (empresas recentemente constituídas, p. ex.) mais de metade da sua ocupação diária diz respeito a assuntos de que nunca ouvira falar, a problemas derivados da existência de homens sob as suas ordens. Ele descobrirá a total inadaptação da sua própria linguagem ao tratamento de tais casos, para os quais a régua de cálculo não oferece socorro. Ele terá de se definir, quanto mais não seja pela ausência de definição. Todos os traços da sua personalidade, da sua inteligência, da sua desconexa formação anterior, vão ser postos em jogo. Tanto o pessoal como a direcção da empresa têm necessidade de, mais cedo ou mais tarde, o «classificar», saber com o que podem contar. Não há fuga possível... É evidente, dado o que já ficou dito, que, para a maioria, a escolha está feita de antemão. O tal passaporte para a tranquilidade não previa obstáculos destes. O jovem engenheiro adopta, mesmo que involuntariamente, a solução da tranquilidade. Ele é um técnico, foi para isso que estudou, «no fundo» não tem nada que ver com os problemas do pessoal, vai limitar-se a pretender ser apenas um veículo de informação nos dois sentidos. Se o pessoal o considerar um simples agente da direcção, tanto pior. Afinal de contas, é a direcção que lhe paga, não lhe cabe discutir as suas orientações. Esta posição tem pelo menos a virtude que resulta das situações bem definidas. Todos sabem com que e com quem contar.

Mais dramático será o caso daqueles que decidem enfrentar lúcidamente as dificuldades surgidas — ou porque já

estivessem para isso preparados ou porque a inteligência nem sempre abdica. Esses ver-se-ão, ao fim de algum tempo, envolvidos numa teia de incompatibilidades diante da qual terão de reconhecer a sua impotência. Serão tentados por uma atitude paternalista que, em geral, lhes ganharia as boas graças de superiores e inferiores. Mas uma análise mais profunda levá-los-á a concluir quais os interesses que efectivamente decidiram perfilhar. Uma nova recusa a esta solução e, a partir desse momento, a reflexão não pode deixar de conduzir para fora dos limites da empresa. Finalmente, o engenheiro adquiriu os dados que lhe permitem aperceber-se da dimensão social da sua profissão. Deixamo-lo neste ponto, não porque seja um ponto de chegada, mas sim porque será um ponto de partida, tantos anos recuado, que abre caminhos enfim socialmente fecundos.

INTRANQUILIDADE ACTIVA

A extensão destas considerações impede-nos de nos determos perante os casos restantes, de menor importância na medida em que correspondem a uma fuga à profissão. Os engenheiros que decidem seguir apenas a carreira docente, uma minoria, já que em geral a acumulam com uma actividade profissional, serão os continuadores dos seus assistentes e professores, e por certo manterão as características do ensino. Por várias razões evidentes, e até porque estarão amputados da experiência profissional que lhes poderia ter aberto as perspectivas no sentido que vimos referindo. Os outros, que simplesmente trocam por outra a sua actividade pro-

IEVTUCHENKO em LISBOA

os poemas do recital e 16 fotografias do autor

CRISE EM PRETO E BRANCO

a questão racial nos Estados Unidos, vista por CHARLES SILBERMAN

OS ASSASSINOS DE KENNEDY

uma síntese crítica das objecções ao Relatório da Comissão Warren, por RICHARD POPKIN

ESQUECER PALERMO

Prémio Goncourt 1966
o apreciado romance de EDMONDE CHARLES-ROUX

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
Rua da Misericórdia, 117-2.º
LISBOA



Colecção Brasileira de Filologia Portuguesa

dirigida por SERAFIM DA SILVA NETO †

- N.º 1 — Antenor Nascentes — **DI-CIONÁRIO DE SINÓNIMOS** No Prelo
- N.º 2 — Doutor José Leite de Vasconcelos — **LIÇÕES DE FILOLOGIA PORTUGUESA** 130\$00
- N.º 3 — Sousa da Silveira — **LIÇÕES DE PORTUGUÊS** 100\$00
- N.º 4 — Hernâni Cidade — **LIÇÕES DE CULTURA LUSO-BRASILEIRA, ÉPOCAS E ESTILOS NA LITERATURA E NAS ARTES PLÁSTICAS** 120\$00
- N.º 5 — Doutor J. Leite de Vasconcelos — **ESTUDOS DE FILOLOGIA PORTUGUESA** 100\$00
- N.º 6 — Serafim da Silva Neto — **HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA** Esgotado

Pedidos às Livrarias ou aos Distribuidores

EDUARDO R. FERREIRA, LDA.

Livrários. Distribuidores. Galeria de Arte

Av. Luís Bivar, 85-C

LISBOA - 1

fissional, serão em parte as vítimas de uma orientação profissional inexistente. Entre eles encontraríamos sem dificuldade muitos dos que foram para engenheiro porque o pai o era também, porque no liceu foram brilhantes alunos de matemáticas ou de físico-químicas, etc., etc. Outros nas mesmas circunstâncias, aliás, serão engenheiros toda a vida porque outra saída se lhes não deparou. Tudo isto, porém, põe já problemas de índole diversa do tema que afluamos.

Em conclusão, podemos resumir dizendo que, dados os condicionalismos em que se exerce, a profissão de engenheiro em Portugal encontra-se no centro de uma contradição fundamental: uma atitude exclusivamente «tecnicista», prolongamento da filosofia instilada na escola, com todas as renúncias e tácitos compromissos que comporta; uma atitude que procura sentir a técnica como um meio de progresso económico-social, e portanto situá-la em relação a opções fundamentais sobre a dinâmica da sociedade global, com todos os conflitos e intranquilidade activa que ela exige.

Será isto o suficiente para considerar a engenharia uma profissão maldita, que, justamente em nome da burguesa paz de espírito, deveria recomendar-se aos jovens que evitassem? Parece que tal não se poderá deduzir do que dissemos. É, sim, essa paz de espírito que convém evitar. Profissões malditas, se as há, serão apenas aquelas que a incutem como ideal de vida.

J. M. P.

A VENDA O 3.º VOLUME DA

HISTÓRIA POLÉMICA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

de Eddy Bauer

Uma obra que é um êxito e que revela a história definitiva e autêntica da última conflagração mundial

1941 — 496 págs. de texto, 64 de ilustrações a preto e 6 mapas a 5 cores — 140\$00

VOLUMES PUBLICADOS:

1939

1940

2.ª EDIÇÃO

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA EM PORTUGAL

(Volume II)

de António José Saraiva

Um livro perspectivado para o futuro
Uma obra fundamental para a compreensão da cultura portuguesa

Col. «Estudos e Documentos»

368 págs. — 50\$00

A venda o 1.º e 2.º volumes

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8

Mem Martins

DE LESTE A OESTE

U. S. A., VERÃO DE 1967

(NOTAS DE VIAGEM)

por Vítor Wengorovius

AS presentes considerações não são mais do que o subtítulo e o título deixam entender. Simples notas, resultado de uma natural e ainda insuficientemente elaborada reflexão, que se referem a uma circunscrita época num determinado país. Na verdade, uma análise embora global mais profunda exigiria maior estudo e outra amplitude, em referência a qualquer país, mas ainda mais a um país em que a dimensão geográfica, a complexidade das relações económico-sociais e sistemas de poder, e a inextricável ligação aos mais graves problemas mundiais tornariam essa tarefa bem mais delicada e morosa.

Um país em questão

A imagem que um europeu medianamente informado tem dos Estados Unidos da América encontra no contacto directo confirmação, nas suas linhas gerais — a civilização técnica e industrialmente evoluída, o consumo de massa, o poderio económico e militar, os problemas raciais, um certo simplismo das opções da opinião pública interna e a sua relativa influência no aparelho político cujas opções surgem também ao europeu como imbuídas de certa superficialidade.

As causas e algumas facetas de tudo isto são mais profundas, mas o resultado, quotidianamente experi-

mentado, não se afasta sensivelmente desta imagem. Certos apontamentos seriam todavia importantes, mesmo ao nível intermédio desta análise, e alguns aparecerão adiante.

Entretanto, igualmente se pode dizer desde já que a imagem mais profunda que é a do europeu revestido de melhores instrumentos de análise histórica encontra nos factos directamente observados paralela confirmação — ou seja, por exemplo, a influência dominante da estrutura económica de capitalismo em adiantado estágio de evolução sobre toda a vida social e política,

interna e externa, do país, aliada, por outro lado, aos determinismos da pesada burocracia do aparelho político-administrativo, que condicionam o tempo e o conteúdo de muitas decisões, através da lentidão e dos meandros das «organizações» ou do elevado preço que paga quem quiser arriscar novas vias, tanto pela dificuldade do êxito como pelo custo da derrota, ao seio deste tipo de sistema de elevado grau de organização formal, de «pesos e balanças», de poder adquirido pelas posições já conquistadas e pelas imagens feitas. Também e sobretudo a estoutro nível de análise muitas considerações de aprofundamento se impunham, justificando e esclarecendo em pormenor o que fica dito e o que geralmente se diz. Por exemplo importaria comparar análises a nível dos poderes federais, estaduais e locais e fazer as distinções necessárias, tentar perceber as vantagens e desvantagens do sistema de formal equilíbrio de poderes e como as primeiras podem ocultar as segundas aos olhos do público comum; entender assim o que Johnson concede aos votos que quer alcançar dos pseudo-democráticos do Sul ou a senadores e congressistas que representam altos interesses financeiros mas lhe garantem a «passagem» de outras leis de cariz liberal, ou constatar por outro lado que muita gente no Estado de Arizona votou Gold-